

Literatura Brasileira

Escrita de Monteiro Lobato é influenciada pelas artes visuais

Ubiratan Brasil

Personalidade de múltiplas facetas, movido por sonhos utópicos, Monteiro Lobato era um homem que tomava partido sobre todos os assuntos polêmicos de sua época, defendendo suas posições em cartas e artigos que publicava na imprensa, sobretudo no Estado. É sua paleta de opiniões variava na composição, da defesa da manutenção do petróleo brasileiro a crítica de arte, cuja contundência o credenciava como um dos mais respeitados observadores de artes plásticas da época.

olhos de rever as imagens que desde a meninice lhe são habituais. Para os ouvidos só há ali, dia e noite, ano e ano, o marulho das ondas as chicotadas no enrocamento da torre; e para a vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul. Variáveis tónicas, as velas que passam de longo, do maritimos como graças, ou os transatlânticos penachados de fumo".

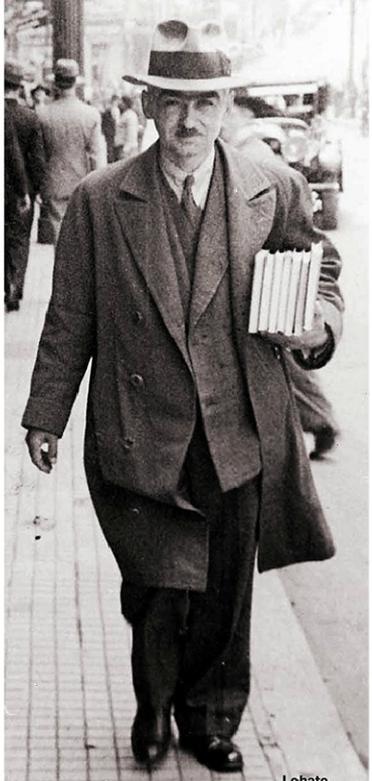
A julgar pelas suas opiniões escritas, é fácil concluir que Lobato tinha grande identificação (e admiração) pelas pinturas de Almeida Júnior e seus quadros do "verdadeiro" homem brasileiro - nasce aí a famosa figura do Jeca Tatu, que Lobato primeiramente vai hostilizar, por sua completa falta de iniciativa, para depois valorizar como perfeito representante da cidadania nacional.

São dos pobres que Lobato mais e melhor trata em seus textos curtos. "No universo de sua ficção, como no País dos anos 1920, não há dinheiro, há poucos empregos, conseguidos sempre pela estrutura do favor, não há possibilidade de ascensão social", comenta Beatriz Rezende.

"Ao escritor, também fazendeiro e editor, não interessam os personagens elegantes da sociedade emergente, que se moviam entre as metrópoles europeias e nossas capitais, assim como também não vê o País com as lentes frequentes do ufanismo. Sua estética como sua ética, se ocupa do que falta ao País e a seus habitantes e não com as ilusões da modernidade, com suas "baratinhas", melindrosas e almodadinhos, viagens a Paris e outros lugares partilhados por poucos."

Diante dessa situação precária, a estética naturalista-nacionalista se encaixa como uma luva. Irritado com as queimadas, estúpida solução adotada por cultivadores para preparar a terra para novo plantio, Lobato, também agricultor, fez pesadas críticas na imprensa, na qual ainda apresentou um retrato desolador das decadentes cidades do interior de São Paulo, que bradas

Estética naturalista



Lobato. Elógios de Lima Barreto e Oswald de Andrade

pelas mudanças de rumo da produção agrícola, sobretudo o café.

É a crítica logo se estende para a ficção - no conto *Cidades Mortas*, do livro do mesmo nome, Lobato é implacável ao retratar o Vale do Paraíba: "Ali, tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito". Beatriz Rezende destaca também *Café Café!*, conto em que um fazendeiro contrário à República, que julga culpada de todos os problemas, aposta na monocultura do café: "A fazenda era uma de solação; a penúria extrema; os agregados andavam esfomeados, as roupas em trapo, imundos, mas a trabalhar ainda".

"Nem mesmo emigrante alemã do caso dos quatrocentos mil-réis narrado em *Dona Expedida* (de *Negrinha*) está livre das dificuldades em conseguir garantir a sobrevivência, nos contos de um produtor doméstico por quatrocentos mil-réis, disputado com dona Expedida, senhora da burguesia empobrecida que anunciava em jornal seus préstimos de "tomadeira de conta" ou dama de companhia. Igualmente superiores à sua profissão normal de criada comum", completa a pesquisadora.

São tipos variados, mas nenhum conseguiu tanta notoriedade como Jeca Tatu, personagem surgido nos dois últimos contos de *Urupês: Velha Praga e Urupês*, ambos de 1914. No primeiro, o caboclo é apresentado como uma "espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças". Refratário aos movimentos do progresso, vive "encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se".

Já no conto *Urupês*, ele surpreende ao deixar momentaneamente aquela posição habitual, de cócoras diante do fogo, para votar no Governo, mesmo sem ter a noção de que são aqueles políticos os responsáveis por sua situação deplorável. "É sobretudo a denúncia da submissão do Jeca aos interesses do Brasil, mesmo que em recompensa o despreza, junto à convicção de que falta de saneamento básico é a causa de sua 'lombreira', que irá transformar o Jeca Tatu

em personagem símbolo da identidade nacional que Monteiro Lobato estava interessado em construir", nota Beatriz.

Curiosamente, tempos depois, quando o Jeca já se transformara em símbolo nacional (uma citação do caboclo feita por Rui Barbosa, então candidato à presidência da República, fez as vendas do *Urupês* dispararem), Lobato mudou sua visão e, em carta ao amigo Godofredo Rangel, em 1917, declarou-se: "Virei à casa. Estou convencido de que Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país".

A posição de Monteiro Lobato provocava reações distintas entre outros escritores. Os modernistas, em um primeiro momento, exaceraram seus textos, nítida reação às interpretações negativas que o escritor, como crítico de arte, fizera à pintura

de Anita Malfatti, no célebre artigo publicado no Estado em 1917, *A Propósito da Exposição Malfatti (Paranoia ou Mistificação?)*.

Lobato era atrevido como modernista, ainda que sua filosofia nacionalista se adequasse perfeitamente à daqueles escritores. É Oswald de Andrade, em carta enviada 25 anos depois a Lobato, quem faz o principal "mea culpa": "Esqueçamos a estética e a Semana de Arte e entendamos as mãos à sua oportuna e sagrada xenofobia".

Em época anterior, também Lima Barreto interessou-se pela escrita de Lobato, especialmente ao destacar as qualidades visuais da estética naturalista-nacionalista do texto. "A sua roça, as suas paisagens não são coisas de boa prendada, de menina de boa família, de pintura de discípulo ou discípula da Academia Julien: é da grande arte do nervoso, dos criadores, daqueles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cérebro para o papel ou para a tela", escreveu ele, em carta que consta na bem fornida *Fortuna Crítica*, que marca o final do volume.



NA WEB Trecho WEB passagem da introdução do obra

estadao.com.br/et/recholoatq



CONTOS COMPLETOS
Autor: Monteiro Lobato
Editora: Biblioteca Azul
660 págs., R\$ 64,90

O ponto de partida dessa análise é considerar em Lobato uma fidelidade à verdade como base da crítica naturalista. "O naturalismo nacionalista em artes visuais queria ser uma tentativa de superação do atraso e da dependência do País, nesta área, em relação às nações europeias", observa Chiarelli. "A arte moderna de Lobato era a arte naturalista, preocupada com a captação do ambiente, um comentário pictórico do dia a dia."

Assim, não é de se espantar que seus contos tragam descrições que, muitas vezes, correspondem a verdadeiras pineladas. Os *Verdeiros*, por exemplo, o primeiro texto de *Urupês* - tem-se a impressão, segundo Beatriz Rezende, de se estar diante de uma das inúmeras "marinhas" que os artistas pintavam na transição do século 19 para o 20: o mar é um farol distante com sua luz.

Escreve Lobato: "Cessam os

CARTA DE OSWALD DE ANDRADE

"O Jeca, você sabe melhor que ninguém, tem sobre o seu Cáucaso oleoso a pata gigantesca e astuta dos interesses..."



...equivocos. Dão-lhe armas, mas negam-lhe o sangue que movimenta as míqui-las, e que os aviões e equipas cavalarias mecanizadas. Ele bem que é ajudado por uma ala simpática da América do Norte, à frente da qual está o cowboy Roosevelt e

o camarada Wallace. Mas isso não basta. Lá mesmo, no solo dessa América medíocre e insípida que você conhece, trava-se a luta entre os pioneiros do mundo melhor e o capitalismo de vistas curtas e unhas longas"

RESENHA DE LIMA BARRETO

"A sua roça, as suas paisagens não são coisas de moça prendada, de menina de boa família, de pintura de discípulo ou..."



...discípula da Academia Julien: é da grande arte do nervoso, dos criadores, daqueles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cérebro para o papel ou para a tela. Ele começa com o pincel, pensando em todas as regras do desenho e

da pintura, mas bem depressa deixa uma e outra coisa, pega a espátula, os dados e tudo o que ele viu e sentiu sai de um só jato, repentinamente, rapidamente. O seu livro é uma maravilha nesse sentido"

CRÍTICA DE CÂMARA CASCUDO (1921)

"Negrinha é o segundo tomo do *Urupês*. Ligam-se pelo mesmo vínculo de observação, crítica e ideias nossas, originais, sabendo..."



...à terra, aos ares e às coisas do Brasil. Desvem-se da literatura que entulha as livrarias do Rio e São Paulo. Livrinhos bolorentos, imagens que a França nos impingiu através de Calmann-Lévy, Lemerre, Vernier, de Carpentier ou o aristocrático Ferrand. Esta-

mos nos debatendo numa turbulenta de nervosismo, simbolismo, cubismo, futurismo, aplicados às letras, chegando a mofo e incenso - temas velhíssimos se batidos por três séculos de frivolidades parisienses"

Babel | Antonio Gonçalves Filho e Ubiratan Brasil

EVENTO
Obra de Georges Simenon começa a ser reeditada em maio

A vasta obra do escritor belga Georges Simenon (1903-1989) vai ganhar roupa nova em maio, quando começará a reedição de mais de 300 títulos, agora sob a chancela da Companhia das Letras. A editora, aliás, promete um lançamento memorável com a vinda do filho do escritor, Jean, que participará de eventos em cidades como São Paulo e Porto Alegre, onde falará sobre o trabalho do pai. Conhecido pela obra policial, es-

pecialmente os livros do inspetor Maigret, Simenon (*foto*) foi um autor de extraordinária fecundidade, deixando 192 romances, 158 novelas, além de obras autobiográficas e numerosos artigos e reportagens assinados com seu nome (é notória uma análise que fez da obra do cineasta Federico Fellini), além de mais de 176 romances, dezenas de novelas, contos e artigos assinados sob 27 pseudônimos diferentes.



REDESCOBERTA
Herbert Lewis em alta

O escritor norte-americano Herbert Clyde Lewis (1909-1950) era tão popular na época da Segunda Guerra que o governo norte-americano enviava a seus soldados cópias de seu romance *Gentlemen Overboard* (1937), sobre um agente da Bolsa de Nova York, de hábitos regulares, que emprende uma viagem a Honolulu e cai do navio, conduzido à dúvida se aliviará notou sua ausência. É Sartre encontrando Woody Allen nesse esplêndido livro agora redescoberto.

INFANTIL
De olho nos menores

A Nova Conceito está de olho agora em leitores de 8 a 12 anos

e, para isso, lança um novo selo, o #irado. Os primeiros títulos são *Boneca de Ossos*, de Holly Black (tiragem de 30 mil exemplares), em abril, e *Caçadores de Tesouro*, de James Patterson. Será a oportunidade de se conhecer uma nova faceta de Patterson, popular por suas séries de suspense.

DIÁRIOS
On the road again

O poeta beat norte-americano Lawrence Ferlinghetti, fundador da mítica livraria City Lights e um dos grandes da geração beat, vendeu os direitos de seus diários de viagem para a W.W.Norton. Ferlinghetti, que editou seus amigos

beats e foi processado por obscenidade ao publicar o livro de poemas *Uivo*, de Allen Ginsberg, escolheu como título de seu diário *Writing Across the Landscape: Travels Journals* (1953-2013). O livro será publicado em setembro de 2015.

LIVRARIAS
NY sem livrarias

Não é só São Paulo que sofre com a alta dos alugueis de lojas comerciais. Nova York tem testemunhado o fechamento de grandes e tradicionais livrarias, motivado pelos preços estratosféricos das locações. Recentemente, a Rizzoli, na Rua 57, foi comunicada por seu locador de que o pré-

dio que ocupa será demolido. Outras grandes seguem o caminho de livrarias independentes como a Coliseum. As vendas caem, mas os alugueis sobem em NY, podendo chegar a US\$ 40 mil por mês.

NOVO SELO
Narrativas curtas

A editora digital e-galáxia estreia novo selo, Formas Breves, com a publicação do conto *Avernis*, de José Luiz Passos, prêmio Portugal Telecom de 2013. Dedicado à publicação de contos, o selo vai lançar um novo e-book por semana. Entre os autores está Marcelino Freire e Nuno Ramos.

40 MIL DÓLARES É O PREÇO DO ALUGUEL DE UMA LIVRARIA EM NY